

## **Raça e folclore: narrativas colonialistas na interpretação de Manoel Diégues Júnior de 1947 a 1962.**

### **Race and folklore: colonialist narratives in the interpretation of Manoel Diégues Júnior from 1947 to 1962.**

Elaine Ventura<sup>1</sup>

**Resumo:** O texto discutiu a relação entre raça e folclore quando as narrativas de Manoel Diégues Júnior reforçavam visões colonialistas no momento em que chamava de mestiço o folclore brasileiro. Para avançarmos neste pensamento analisamos o seu artigo: “formação do Folclore Brasileiro origens e características culturais” publicado em 1962, na Revista Brasileira de Folclore. O estudo levou a identificação de que na medida em que o folclore era visto como mestiço, tornando-se símbolo da nacionalidade, consolidava-se uma abordagem de subestimação entre as raças brasileiras segundo este estudioso.

**Palavras – chave:** folclore e raça, mestiçagem, colonialismo.

**Abstract:** The text discussed the relationship between race and folklore when Manoel Diégues Júnior's narratives reinforced colonialist views at a time when he called Brazilian folklore mestizo. To move forward in this thought, we analyzed your article: “formation of Brazilian Folklore origins and cultural characteristics” published in 1962, in the Revista Brasileira de Folclore. The study led to the identification that as folklore was seen as mestizo, becoming a symbol of nationality, an underestimation approach among Brazilian races was consolidated according to this scholar.

**Keywords:** folklore and race, miscegenation, colonialism.

A institucionalização dos estudos de folclore no Brasil tem como marco inicial o ano de 1947 quando foi criada a Comissão Nacional de Folclore - CNFL no Instituto Brasileiro de Educação Ciência e Cultura – IBECC órgão representativo da UNESCO no país. Existe um debate consolidado na Antropologia sobre este momento em que o folclore era visto como um campo profissional de atuação. Luis Rodolfo Vilhena tratou deste tema, analisando a trajetória de um grupo de estudiosos chamados de folcloristas. Segundo o autor, esses autores estabeleceram uma relação entre o popular e o nacional e o folclore era uma forma de reafirmação da nacionalidade (VILHENA, 1997, p. 14).

Para Lúcia Lippi de Oliveira, o folclore se tornou símbolo da construção das identidades nacionais no pós Segunda Guerra Mundial, servindo como resposta as teorias científicas e as suas ideias de superioridade entre as raças. O folclore foi um meio de reconhecimento e valorização da diversidade, por isso, integrava o projeto UNESCO (OLIVEIRA, 2008, p.30). Para Jefferson Santos da Silva que também entendeu o folclore como um campo de estudos essa época marcaria a passagem das interpretações

---

<sup>1</sup>Doutoranda no Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - PPHR. Mestre em Museologia e Patrimônio pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Pós-graduada em História do Brasil pela Universidade Cândido Mendes - UCAM e Bacharel e Licenciada em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. Email: elaine1983ventura@yahoo.com

cientificistas para uma concepção culturalista dos grupos humanos (SILVA, 2014, p.14). Ana Teles da Silva, avançando um pouco mais em suas análises investigou a Revista Brasileira de Folclore instrumento onde os folcloristas brasileiros expunham as suas visões de Brasil e de cultura. A pesquisadora mostrou que essa ideia de folclore, reforçava um modelo mestiço de nação (SILVA, 2015, p. 94). Apesar da relevância da tese de Ana Teles da Silva, notamos que ela não se perguntou como o folclore era lido por esses intelectuais. Daí surgiu à necessidade avançar na investigação. Tomamos por objeto analítico as visões construídas por Manoel Diéguas Júnior a partir de seu artigo: “formação do Folclore Brasileiro origens e características culturais” editado na Revista Brasileira de Folclore em 1962. E pretendemos mostrar que havia uma relação profícua entre raça e folclore quando este folclorista dizia ser mestiço o folclore brasileiro. Buscaremos refletir sobre como este autor construía a sua visão de um folclore mestiço e mostrar que a sua abordagem reforçava visões colonialistas. Ana Teles da Silva falou acerca deste ideal mestiço de nação e encontramos uma matéria em *O Tempo* do ano de 1958 que confirma o pensamento desta autora:

Um dos fenômenos mais interessantes no estudo das criações populares é o que se poderia chamar o mestiçamento de todas elas nos países de formação colonial. Sem ser exaustivo das gentes novas, porque o fenômeno se deu sempre desde a mais remota antiguidade, porque desde esses primórdios os povos se misturaram.<sup>2</sup>

A ideia de folclore foi apresentada como semântica do popular. Sabemos que desde o século XVIII e XIX, o estudo de folclore estava relacionado com as representações do povo. Transformados em objetos de estudos de uma intelectualidade que viam no folclore uma forma de dissociação da cultura das elites chamadas de erudita. Tanto entendido como folclore quanto cultura popular, ambos os conceitos são políticos, eles demarcam fronteiras sociais e culturais entre os diferentes segmentos de uma sociedade (BURKE, 2010, p.16). Em *O Tempo* notamos que há um entrelaçamento entre folclore e raça mediante esse ideal mestiço de cultura popular que se consolidava como projeto político. Por isso, acreditamos que através da narrativa de Manoel Diéguas, Júnior - compreenderemos com amplitude essa concepção de nacionalidade que era disseminada através do folclore. Com isso, refletir sobre o que estava oculto nesta imagem de Brasil mestiço que o estudioso propagava.

### **A Revista Brasileira de Folclore: “formação do folclore brasileiro origens e características culturais” de Manoel Diéguas Júnior**

Não há como refletir sobre a relação entre raça e folclore na interpretação de mestiçagem emanada pelo discurso que Manoel Diéguas Júnior construía do folclore sem considerar o contexto intelectual

---

<sup>2</sup>*O Tempo*. São Paulo, 28 de setembro de 1958. “O mestiçamento nas criações populares do Brasil”. Hemeroteca/Cultura Nacional/Influência Cultural. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

herdado por sua obra. Em 1933 Gilberto Freyre publicou “Casa Grande & Senzala”, exaltando a composição étnica que deu origem ao povo brasileiro. Brancos, índios e negros era neste momento, que a mestiçagem ganhava contornos positivos, mesma época em que o folclorista afirmava-se como profissional vinculado à Comissão Nacional de Folclore - CNFL. O pensamento do folclorista Manoel Diégues Júnior é sucessor deste período em que a imagem do Brasil era projetada a partir da perspectiva mestiça. Neste ideal das três raças formadoras em torno do folclore, esse povo era sem nome. E as suas representações culturais estavam nos contos, cantos e na literatura popular:

Já nos Estudos sobre a Poesia Popular Brasileira, tínhamos mostrado esse caso de mestiçamento de nossa literatura popular e anônima, indicando as várias origens de nossos cantos e contos, destacando as fontes portuguesas, indígenas e africanas. O mesmo fizemos em relação a língua portuguesa no Brasil.<sup>3</sup>

O folclore era como um recurso explicativo de nossa nação racialmente heterogênea. Esse fato assinalava que este setor de estudos atuava para além de interpretar a cultura. Pois, a ideia de mestiçagem disseminada, mostrava que havia um desejo de construção de um ideal tipo de nação. Ela era mestiça e forte que integrada a um clima e a uma geografia típica, nos tornava singulares. Era através do folclore que seria possível explicar as particularidades culturais de um país nascido do contato entre diferentes grupos. Por isso, não é possível dissociar os debates folclore e raça:

Num país de dimensões continentais como o nosso, povoado pelas mais fortes miscigenações raciais de grupos étnicos provenientes de todos os quadrantes da terra, teria o nosso folclore forçosamente de refletir a grande variedade de suas fontes formadoras. A essa origem, de contribuição negra, europeia, amarela, autóctone, haveria de juntar-se também a grande variedade climática das condições de sua geografia física. Todos esses fatores fazem do folclore brasileiro um dos mais ricos do planeta.<sup>4</sup>

Existe um debate consolidado no Brasil acerca da questão racial em diferentes áreas do conhecimento, contudo pouco se tem discutido acerca de sua relação com o folclore. Martha Abreu e Carolina Viana Dantas em seus estudos de folclore identificaram que desde o início do século XX os folcloristas já mostravam ser a cultura brasileira síntese do encontro de três raças (ABREU, e DANTAS, 2007, p. 122). Outro debate que merece destaque vem da antropologia quando Kabengele Munanga tocou na questão da mestiçagem sobre um viés distinto dessas autoras. Para ele, na medida em que o Brasil configurava o seu retrato como um país mestiço, os conflitos étnicos raciais eram ocultados, gerando o fortalecimento de uma narrativa dominante da nacionalidade (MUNANGA, 2004, p. 89). Embora a

---

<sup>3</sup>*O Tempo*. São Paulo, 28 de setembro de 1958. “O mestiçamento nas criações populares do Brasil”. Hemeroteca/Cultura Nacional/Influência Cultural. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

<sup>4</sup>ALVES, Sandra de Freitas. “Folclore Brasileiro”. Boletim Bimestral Biblioteca circulante dos empregados dos serviços de Carris, Luz, Força, Gás e Telefone. Rio de Janeiro, Outubro de 1963. Hemeroteca/Cultura Nacional/Influência Cultural. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

relevância acadêmica dessas discussões nossa intenção ainda que breve é ultrapassá-las, mostrando através do artigo de Manoel Diégues Júnior que o folclore além de elaborar um discurso da nação como mestiça, reforçava interpretações de cunho colonialistas, hierarquizando culturas, apagando negros e índios da nacionalidade.

Luis Rodolfo Vilhena em sua pesquisa mostrou que os folcloristas construíram um projeto de fortalecimento da relação entre o popular e o nacional. Em nossas fontes identificamos uma ação um pouco mais ampla sobre o fenômeno, tendo em vista que o folclore era um meio de pensar a nação brasileira nascida de diferentes origens étnicas: “esse estudo é um verdadeiro levantamento histórico das origens étnicas e da formação da consciência coletiva das nacionalidades”.<sup>5</sup> Para refletir acerca da relação entre folclore e raça na concepção de folclore de Manoel Diégues Júnior, analisamos ainda que sinteticamente, a sua trajetória na Revista Brasileira de Folclore [RBF].

A Revista Brasileira de Folclore rendeu duas pesquisas acadêmicas: a de Ana Lorym Soares em 2010. E mais recente de Ana Teles da Silva em 2015. Com semelhanças e diferenças, as autoras compreenderam o periódico como espaço institucional de consagração dos folcloristas vinculados a Comissão Nacional de Folclore e/ou Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro – CDFB que com seus escritos projetavam uma visão de Brasil. A Revista Brasileira de Folclore foi criada em 1961 quando Édison de Souza Carneiro foi diretor da CDFB assim, conhecida desde 1958.<sup>6</sup> Para Ana Teles da Silva a RBF era um meio de interlocução entre os folcloristas brasileiros que se comunicavam e divulgavam as suas pesquisas de folclore. Ela era de publicação trimestral o primeiro número saiu no último trimestre de 1961 e o último, no segundo trimestre de 1976. Ao todo, foram lançados 41 números em quinze anos de circulação. Eles eram compostos pelas seções: artigos, noticiário, bibliografia, periódicos e documentários. Nas capas, geralmente havia imagens iconográficas, além de homenagens aos estudiosos do folclore. De todas as produções, os artigos eram predominantes. Escritos por diferentes autores sobre os mais variados temas, ao todo foram escritos 209 artigos (SOARES, 2012, p. 115). A CDFB era o órgão que tutelava a elaboração da RBF e, de 1961 a 1973, ela era produzida na Rua Pedro Lessa, nº: 35/6º andar, no Rio de Janeiro. De 1973 a 1974 ela foi editada em Brasília e, em 1976, retornava para o Rio de Janeiro. Os leitores tinham acesso ao periódico por meio de assinatura, que custava CR\$ 3,00 cruzeiros ou mediante a compra individual. Cada

---

<sup>5</sup>*Folha de Minas*. Belo Horizonte, 25 de julho de 1948. “Diretrizes da pesquisa folclórica”. Hemeroteca/Artigos Genéricos sobre o Folclore. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

<sup>6</sup>Ver: SALGADO Clóvis. Ministro da Educação e Cultura. In: Defesa do Folclore instituição, organização e execução da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. Ministério da Educação e Cultura, 1958, p. 17. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro. A Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, instituída pelo decreto nº. 43.178, de 05 de fevereiro de 1958, tem por finalidade promover, em âmbito nacional, o estudo, a pesquisa, a divulgação e a defesa do folclore brasileiro. As pesquisas ou estudos, a serem procedidos por órgãos ou pessoas, serão realizados mediante projetos previamente submetidos ao Conselho Técnico de Folclore [CDFB] que, ao aprová-los, dará aos seus executantes toda assistência técnica e todas as facilidades necessárias a sua boa execução.

exemplar custava CR\$ 1,50. Os folcloristas Théo Brandão, Guilherme dos Santos Neves, Joaquim Ribeiro, Manoel Diégues Júnior, Oneyda Alvarenga, Rossini Tavares de Lima, José Loureiro Fernandes, Oswaldo R. Cabral e Édison Carneiro integraram o corpo técnico do periódico.

A trajetória de Manuel Diégues Júnior foi ativa na RBF assim como a sua participação na Comissão Nacional de Folclore e na Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. No periódico ele foi autor dos seguintes textos: “formação do folclore brasileiro/ origens e características culturais” número 04 de 1962; “O culto da nossa senhora na tradição popular” número 20 de 1968; “Melo Moraes Filho e temas folclóricos” número 24 de 1969; “Regiões culturais para o estudo do folclore brasileiro” número 28 de 1970 e “Cultura e comunidade” número 41 de 1976. Destacado antropólogo, sociólogo, jurista e folclorista brasileiro, reconhecido internacionalmente era filho de Manuel Baltazar Pereira Diégues e Luísa Amélia Chaves Diégues, nasceu em Alagoas em 1912. Formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Recife, no ano de 1935. Foi professor de antropologia cultural e antropologia do Brasil e Diretor do Departamento de Sociologia e Política da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Optamos em analisar o texto “formação do folclore brasileiro/ origens e características culturais” de Manoel Diégues Júnior porque ele explicará o nascimento do folclore brasileiro, partindo da ideia das três raças. E propomos a pergunta: qual o lugar de cada um desses grupos em sua concepção de folclore? Ao falar acerca das raízes do folclore brasileiro Manoel Diégues Júnior considerou dois elementos que segundo ele, não seria possível compreender o folclore: os índios e a sua ocupação geográfica no Brasil: “ao verificar a descoberta do Brasil, estava o território brasileiro ocupado por grupos indígenas de variada condição cultural”.<sup>7</sup> Com relação aos índios, Diégues lamenta pelo fato de não se assemelharem as civilizações incas e astecas. E hierarquiza os indígenas brasileiros, afirmando que enquanto havia uns em estágio avançado de produção tinha outros que fazia uso de técnicas rudimentares:

É certo que não tivemos em terras brasileiras, o desabrochar de uma civilização como a inca e a asteca. Tivemos diferentes grupos, onde dominavam condições culturais diversas, uns vivendo exclusivamente da coleta, outros já conhecendo a agricultura; se uns praticavam a cerâmica com técnica adiantada, como é o caso da marajoara, outras as tinham de maneira rudimentar ou precária, e alguns chegavam mesmo a ignorá-la; grupos havia que conheciam a técnica da plumária como adorno, ao passo que outros ignoravam qualquer enfeite do corpo.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup>JÚNIOR, Manoel Diégues. “Formação do Folclore Brasileiro origens e características culturais”. In: Revista Brasileira de Folclore. Setembro/dezembro, 1962, n°: 04. p, 43. Hemeroteca Revista Brasileira de Folclore. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

<sup>8</sup>JÚNIOR, Manoel Diégues. “Formação do Folclore Brasileiro origens e características culturais”. In: Revista Brasileira de Folclore. Setembro/dezembro, 1962, n°: 04. p, 43. Hemeroteca Revista Brasileira de Folclore. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

Ao reconhecer a heterogeneidade dos indígenas brasileiros, Diégues os hierarquizava e lamentava que não eram como os mesoamericanos, mas reconheceu o lugar do índio na formação do folclore brasileiro. Em seu artigo, ele sinalizava que os portugueses integraram o segundo grupo no nascimento da cultura nacional, revelando que eles também não eram homogêneos. Contudo segundo o autor, eles eram os segmentos de mais visibilidade se comparados com o índio. Esta análise aponta que Diégues elaborou um texto pautado em uma metodologia comparativa: “não se diga que trouxessem os colonos uma cultura perfeitamente homogênea, dentro de uma mesma unidade; também apresentavam variados níveis de cultura, muito embora a unidade exterior fosse bastante mais visível que a do índio”.<sup>9</sup> Para Manoel Diégues Júnior a participação do negro na composição do folclore brasileiro foi decorrente de sua chegada ao território colonial na sua condição de escravizado:

O processo de ocupação humana do Brasil, baseado na formação de uma lavoura sedentária, que se foi estendendo pela beira-mar, não constituiu atrativo para o indígena. E eis aí o recurso à escravidão negra, trazidos os africanos para os trabalhos agrícolas, para os serviços domésticos, para os variados encargos de natureza manual que a vida na colônia exigia.<sup>10</sup>

O folclorista reconheceu que o africano não era portador de uma cultura homogênea e com este olhar comparativo de culturas os hierarquizou. Manoel Diégues reafirmou estereótipos, classificando esses segmentos como portadores de costumes atrasados. Ele Diégues ainda recuperou conceitos como fetichismo e mandinga para interpretar uma narrativa sobre as práticas religiosas de matrizes africanas e se aproximou das teorias evolucionistas do oitocentos:

Havia entre os que aqui entraram negros de cultura atrasada, como havia os que já conheciam, por exemplo, técnicas adiantadas de mineração; havia grupos fetichistas, vivendo na prática de mandingas e feitiços, como havia os influenciados pelo islamismo, portadores de um grau de cultura mais alto.<sup>11</sup>

Diégues então mostrará que os traços originários das diferentes culturas refletiram na composição da cultura brasileira: “essa diferenciação não poderia deixar de estar inseridas na formação brasileira”.<sup>12</sup> Por isso, que para o autor, esses elementos seriam nada mais que um marco de nossa peculiaridade enquanto

---

<sup>9</sup>JÚNIOR, Manoel Diégues. “Formação do Folclore Brasileiro origens e características culturais”. In: Revista Brasileira de Folclore. Setembro/dezembro, 1962, nº: 04. pp, 43-44. Hemeroteca Revista Brasileira de Folclore. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

<sup>10</sup>JÚNIOR, Manoel Diégues. “Formação do Folclore Brasileiro origens e características culturais”. In: Revista Brasileira de Folclore. Setembro/dezembro, 1962, nº: 04. pp, 44-45. Hemeroteca Revista Brasileira de Folclore. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

<sup>11</sup>JÚNIOR, Manoel Diégues. “Formação do Folclore Brasileiro origens e características culturais”. In: Revista Brasileira de Folclore. Setembro/dezembro, 1962, nº: 04. p, 45 Hemeroteca Revista Brasileira de Folclore. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

<sup>12</sup>JÚNIOR, Manoel Diégues. “Formação do Folclore Brasileiro origens e características culturais”. In: Revista Brasileira de Folclore. Setembro/dezembro, 1962, nº: 04. p.45. Hemeroteca Revista Brasileira de Folclore. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

povo: “três correntes étnicas, portanto, apresentando exteriormente, cada uma delas, relativa unidade, mas jamais uniformização, portadoras, no fundo, de diversificadas condições culturais, e -, no caso, os mais variados níveis de cultura -, trouxeram a sua contribuição para a formação do Brasil; não só a sua formação populacional, mas também a sua formação cultural”.<sup>13</sup>

Ao reconhecer a função das três raças na formação do folclore brasileiro, Diégues atribui um lugar privilegiado para o elemento branco, o português, que segundo ele, era o pilar, o alicerce fundamental desta composição: “o folclore brasileiro é basicamente um produto dessas três correntes, sem que se possa esconder o alicerce fundamental em que se assentou; e que foi sem dúvida, o elemento português”.<sup>14</sup> Essa interpretação mostra-nos a existência de uma disputa na construção de uma abordagem sobre a formação da cultura brasileira. Negros eram subalternizados quando eram vistos como portadores de uma cultura atrasada, não há dúvidas de que o método de Diégues era comparativo como faziam os homens de ciência do século XIX:

Natural que assim sucedesse, por diversas razões. Em primeiro lugar, sendo a cultura mais adiantada [a portuguesa], seria claro que se tornasse preponderante, ou, quando menos, a mais importante, sem prejuízo da aceitação dos valores culturais oriundos das outras correntes.<sup>15</sup>

Sendo o elemento português a base do folclore brasileiro, negros e índios estavam abaixo dos primeiros agentes, segundo Manoel Diégues Júnior. Essa ideia de aceitação tal como disse, além de ocultar os conflitos culturais, aponta que as culturas indígenas e a negra eram as dominadas. Essa leitura reforçava as relações de poder e os conflitos na construção de uma imagem de cultura nacional projetada em torno do folclore: “tornou-se desse modo à cultura portuguesa a base sobre a que vieram fundir-se os elementos culturais indígenas e negro- africanos”.<sup>16</sup> Para esse folclorista era mediante esta percepção de folclore que a noção de Brasil teria um sentido concreto:

As culturas que aqui se encontraram – dissemos eram diversificadas, formavam subculturas, como era o caso do português, de modo que nenhuma delas poderia persistir como nacional, nem mesmo considerar-se tradicional. Ao contrário: aglutinaram-se e combinaram-se para

---

<sup>13</sup>JÚNIOR, Manoel Diégues. “Formação do Folclore Brasileiro origens e características culturais”. In: Revista Brasileira de Folclore. Setembro/dezembro, 1962, nº: 04. p.45. Hemeroteca Revista Brasileira de Folclore. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

<sup>14</sup>JÚNIOR, Manoel Diégues. “Formação do Folclore Brasileiro origens e características culturais”. In: Revista Brasileira de Folclore. Setembro/dezembro, 1962, nº: 04.p, 45. Hemeroteca Revista Brasileira de Folclore. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

<sup>15</sup>JÚNIOR, Manoel Diégues. “Formação do Folclore Brasileiro origens e características culturais”. In: Revista Brasileira de Folclore. Setembro/dezembro, 1962, nº: 04. p, 45. Hemeroteca Revista Brasileira de Folclore. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

<sup>16</sup>JÚNIOR, Manoel Diégues. “Formação do Folclore Brasileiro origens e características culturais”. In: Revista Brasileira de Folclore. Setembro/dezembro, 1962, nº: 04. p, 45. Hemeroteca Revista Brasileira de Folclore. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

formar o que hoje poderíamos chamar, no Brasil, de cultura nacional. Criaram novos elementos com a elaboração de elementos trazidos.<sup>17</sup>

Para Manoel Diégues Júnior o nascimento de uma cultura originária de três raças, marcou por um lado a nossa singularidade regional. Por outro esse aspecto não ameaçou a integridade territorial. Ao contrário, nos garantiu a unidade. É aqui que verificamos que a abordagem deste estudioso estava para além de pensar a questão cultural através da perspectiva do folclore. Ele o via como um instrumento político que poderia explicar a estrutura geográfica do país a partir da ideia de uma nação unificada: “a diversificação dos modos de vida regionais, que nos permite distinguir o amazonense do gaúcho, o nordestino do mato-grossense, ou o baiano do catarinense enriqueceu a unidade nacional. E essa diferenciação regional – de modo nenhum, prejudicou o sentido de unidade”.<sup>18</sup> Essa narrativa mostrava ser o Brasil uma nação sem conflitos culturais e o seu folclore era o elemento estabilizador.

Para Diégues, enquanto Portugal seria o lastro do folclore brasileiro, negros e índios exerciam papéis secundários, atuando simplesmente como contribuidores de nossa cultura. Não sendo o pilar, vemos que era desta forma, que negros e índios integravam-se na singularidade brasileira. Assim, ia sendo definida a percepção de folclore cunhada pelo estudioso: “disse eu a pouco que Portugal serviu de lastro à cultura que aqui se formou. Foi o que se verificou em nosso folclore, se o encararmos de modo particular. O fundo lusitano, por condições lógicas predominando, recebeu a contribuição vinda dos africanos e dos indígenas”.<sup>19</sup> Para o autor, o epicentro da particularidade da cultura nacional brasileira era exatamente o entendimento desse encontro racial essa era a visão de cultura nacional projetada:

A cultura popular resultou, portanto, da unidade entre o recebido e o espírito brasileiro que aqui se formou, ou mais exatamente, a personalidade brasileira nascida na lenta elaboração dos séculos. Marcou-a, portanto, um sentido psicológico, que a define e a individualiza, dando-lhe originalidade em relação a outras culturas.<sup>20</sup>

Manoel Diégues Júnior reconhecia que o folclore brasileiro era nascido de três raízes. Contudo, essa raça embora mestiça, era sem nome, anônima hierarquizada em suas bases. Esse folclore estava associado a um ideal autoritário de tradição nacional, tendo em vista que ao classificar culturas a partir de uma

---

<sup>17</sup>JÚNIOR, Manoel Diégues. “Formação do Folclore Brasileiro origens e características culturais”. In: Revista Brasileira de Folclore. Setembro/dezembro, 1962, n°: 04. p. 46. Hemeroteca Revista Brasileira de Folclore. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

<sup>18</sup>JÚNIOR, Manoel Diégues. “Formação do Folclore Brasileiro origens e características culturais”. In: Revista Brasileira de Folclore. Setembro/dezembro, 1962, n°: 04. p. 47. Hemeroteca Revista Brasileira de Folclore. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

<sup>19</sup>JÚNIOR, Manoel Diégues. “Formação do Folclore Brasileiro origens e características culturais”. In: Revista Brasileira de Folclore. Setembro/dezembro, 1962, n°: 04. p. 48. Hemeroteca Revista Brasileira de Folclore. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

<sup>20</sup>JÚNIOR, Manoel Diégues. “Formação do Folclore Brasileiro origens e características culturais”. In: Revista Brasileira de Folclore. Setembro/dezembro, 1962, n°: 04. p.48. Hemeroteca Revista Brasileira de Folclore. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.



metodologia comparativa o que ocorria era a recuperação de pensamento assentados em interpretações colonialistas. Daqui, podemos pensar a escrita como uma forma de poder na medida em que a Revista Brasileira de Folclore como um espaço institucional, construía uma narrativa de nossa nacionalidade:

Foi assim o povo, já o brasileiro, traduzido nos mestiços primários e secundários, o elemento que elaborou a nossa cultura popular, imprimindo-lhe sua característica étnica, isto é, a sua marca psicológica. Através dos séculos ele forjou o que hoje se tornou tradicional, anônimo, o popular.<sup>21</sup>

Os mestiços brasileiros foram classificados pelo folclorista em duas ordens: as primárias e as secundárias. A narrativa do autor revela a existência de uma hierarquização de raças, tendo em vista que segundo ele haveria duas categorias de mestiços. Se para o autor foi o mestiço quem elaborou a cultura popular brasileira ele não tinha dúvidas de que o folclore era como traço de nossas características ontológicas e/ou psicológicas. Porém, essa composição que geraria uma cultura tradicional para ele, era sem nome e os mestiços estavam subdivididos em escalas raciais:

O homem, já o vimos, proveio de três fontes, que aqui mescladas, se fundiram para dá o brasileiro; foi ele o animador, o criador, o disseminador dos nossos valores culturais através dos diferentes tipos de mestiços que se espalham por nossa paisagem social.<sup>22</sup>

O discurso de Manoel Diégues Júnior dá sinais claros do amplo ofício do folclorista quando ele tocava na questão racial, defendendo a existência de uma escada entre as raças através dos diferentes tipos de mestiços que surgiram no território nacional. Autores como Paul Gilroy, Frantz Fanon, Achille Mbembe e Kabengele Munanga discutiram sobre como a ideia de mestiçagem se tornou ao longo do tempo, um problema para a construção da identidade negra.<sup>23</sup> Pois, na medida em que o ideal de uma nação mestiça se tornava dominante, o negro deveria aproximar-se do branco para assim, “conquistar uma visibilidade e um status social”. Segundo esses autores a mestiçagem mascarava um projeto autoritário de cultura nacional que tendia a ocultar os conflitos étnicos raciais e ainda, gerava uma falsa ideia de igualdade. Esse discurso oficial apresentado aos leitores da RBF aniquilava o negro e o índio da nacionalidade, pois para Manoel

---

<sup>21</sup>JÚNIOR, Manoel Diégues. “Formação do Folclore Brasileiro origens e características culturais”. In: Revista Brasileira de Folclore. Setembro/dezembro, 1962, n°: 04. p.49. Hemeroteca Revista Brasileira de Folclore. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

<sup>22</sup>JÚNIOR, Manoel Diégues. “Formação do Folclore Brasileiro origens e características culturais”. In: Revista Brasileira de Folclore. Setembro/dezembro, 1962, n°: 04. p.49. Hemeroteca Revista Brasileira de Folclore. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

<sup>23</sup>Ver: MUNANGA, Kabengele. *Negritude usos e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, pp. 08-09.

Diégues Júnior: “o mestiço foi o melhor elemento, o veículo mais constante, de transmissão e de manutenção do folclore brasileiro”.<sup>24</sup>

Manoel Diégues Júnior ocultava em sua concepção de um folclore mestiço, um pensamento de ordem evolucionista social. Para ele, o folclore era uma forma de negar a presença negra e indígena da cultura brasileira, por esse motivo fazia-se necessário reafirmar o discurso da mestiçagem: “os nossos folguedos populares, as nossas danças, os nossos cantos, os nossos mitos, as nossas lendas, as nossas superstições, se criaram e evoluíram e chegaram até nós sob o influxo dessa influência mestiça”.<sup>25</sup> Não foi a cultura indígena, a negra e a branca que deixou individualmente as suas heranças, mas o que foi concebido neste encontro entre elas, o mestiço. Esse foi o ideal tipo de nação elaborado pelo folclorista. Era através do folclore que Manoel Diégues Júnior falava do Brasil:

Surgiu assim, desse entrelaçamento, ao contato dos três grupos que aqui se encontraram, num momento histórico, os fundamentos do nosso folclore. E em consequência esse folclore se tornou um produto mestiço, um resultado disso que poderíamos chamar de mestiçamento cultural; ou mais exatamente, um processo de transculturação, que representa, no fundo, toda formação brasileira.<sup>26</sup>

Para Manoel Diégues Júnior o folclore mestiço reforçava o ideal de coletividade em torno de um “nós” nacional, marcando traços particulares da brasilidade: “o que é “nosso”, como folclore foi produzido justamente por essa assimilação que se tornou típica, seja pelo tempo em que se verificou, seja pelo local em que se manifestou, sem prejuízo do conhecimento de sua elaboração por fatores já agora nativos”.<sup>27</sup> O texto de Manoel Diégues Júnior incluía-se no projeto de Brasil, pois no momento de sua produção, a narrativa de uma nação mestiça se tornava símbolo de um projeto político mais amplo.

---

<sup>24</sup>JÚNIOR, Manoel Diégues. “Formação do Folclore Brasileiro origens e características culturais”. In: Revista Brasileira de Folclore. Setembro/dezembro, 1962, nº: 04. p.49. Hemeroteca Revista Brasileira de Folclore. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

<sup>25</sup>JÚNIOR, Manoel Diégues. “Formação do Folclore Brasileiro origens e características culturais”. In: Revista Brasileira de Folclore. Setembro/dezembro, 1962, nº: 04. p.51. Hemeroteca Revista Brasileira de Folclore. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

<sup>26</sup>JÚNIOR, Manoel Diégues. “Formação do Folclore Brasileiro origens e características culturais”. In: Revista Brasileira de Folclore. Setembro/dezembro, 1962, nº: 04. pp.51- 52. Hemeroteca Revista Brasileira de Folclore. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

<sup>27</sup>JÚNIOR, Manoel Diégues. “Formação do Folclore Brasileiro origens e características culturais”. In: Revista Brasileira de Folclore. Setembro/dezembro, 1962, nº: 04. p.56. Hemeroteca Revista Brasileira de Folclore. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

## Considerações Finais

Os conceitos texto e contextos pertinentes são categorias necessárias quando traçamos análises de história intelectual. Através deles, somos conduzidos a investigar elementos mais complexos que envolvem as produções discursivas. Além dos cenários políticos, toda obra carrega intenções. Elas são herdeiras das ideias de seu tempo, bem como as questões sociais circundantes (LACAPRA, 2012, pp. 237-293). No momento em que Manoel Diégues Júnior divulgou na Revista Brasileira de Folclore a sua visão do folclore brasileiro o que estava em jogo era: de um lado a ascensão do folclorista como intelectual vinculado a Comissão Nacional de Folclore e/ou Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. De outro, a emergência de um projeto de Brasil afirmando-se como uma nação mestiça. O escrito deste autor na Revista Brasileira de Folclore era síntese de seu papel político e posicionamento no cenário intelectual de seu tempo. Ao afirmar ser o folclore resultado de um mestiçamento cultural o que estava oculto era o esquecimento de negros e índios como sujeitos sociais ativos, já que ambos foram apresentados como dominados nesta nacionalidade. A ideia de mestiçagem silenciava um desejo de branqueamento racial como apontou Jerry Dávila (DÁVILA, 2006, p. 25). Este projeto por sua vez, acabava por esconder os conflitos étnicos raciais e mostrava as diferentes formas de representações do racismo nas estruturas da sociedade brasileira.

## Referências

- ABREU, Martha. DANTAS, Carolina Viana. **Música popular, folclore e nação no Brasil, 1890-1920**. In: Nação e cidadania no Império Novos Horizontes. CARVALHO, José Murilo de. (org). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, pp. 122.
- BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DÁVILA, Jerry. **Diploma de Brancura política social e racial no Brasil – 1917-1945**. São Paulo: Unesp, 2006.
- FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Salvador: Edufba, 2008.
- GILROY, Paul. **O Atlântico negro**. Rio de Janeiro: 34, 2019.
- LACAPRA, Dominick. **História intelectual**. In: PALTÍ, Elias José. Giro linguístico e história intelectual. Bernal/Buenos Aires. Universidad Nacional de Quilmes, 2012, pp. 237-293.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2017.
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 89.
- \_\_\_\_\_. **Negritude usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Cultura é patrimônio**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2008.

SILVA, Jefferson Santos da. **O que restou é Folclore: o negro na historiografia alagoana**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Doutorado em Ciências Sociais. São Paulo, 2014.

SILVA, Ana Teles da. **Na trincheira do folclore: intelectuais, cultura popular e formação da brasilidade – 1961-1982**. Tese de Doutorado, Programa de pós – graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015.

SOARES, Ana Lorym. **Sociabilidade intelectual e criação cultural na Revista Brasileira de Folclore (1961-1976)**. In CHUVA, Márcia. NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos. Patrimônio Cultural políticas e perspectivas de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad x Faperj, 2012, pp.115-116.

VILHENA, Luis Rodolfo. **Projeto e Missão o movimento folclórico brasileiro 1947-1964**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1997.

Recebido em 25/06/20 aceito para publicação em 16/10/20.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.